

CAPÍTULO V

CRIAÇÃO E QUEDA DO HOMEM

O QUE É O HOMEM?

O homem é uma ponte entre o mundo do espírito e o da matéria (naturalmente, quando nos referimos ao “homem”, designamos todos os componentes do gênero humano, o homem e a mulher).

A alma do homem é espírito, de natureza similar ao anjo; seu corpo é matéria, similar em natureza aos animais. Porém, o homem não é nem anjo nem besta; é um ser à parte por direito próprio, um ser com um pé no tempo e outro na eternidade. Os filósofos definem o homem como “animal racional”; “racional” indica a sua alma espiritual; e animal, o seu corpo físico.

Conhecendo a inclinação que nós, os homens, temos para o orgulho e para a vaidade, é de surpreender a pouca atenção que damos ao fato de *sermos* uns seres tão maravilhosos. Só o corpo já é suficiente para nos deixar espantados. A pele que o cobre, por

exemplo, valeria milhões para quem fosse capaz de reproduzi-la artificialmente. É elástica, renova-se por si, impede a entrada do ar, da água ou de outras matérias, e, não obstante, permite que saiam. Mantém o corpo a uma temperatura constante, independentemente do tempo ou da temperatura exterior.

Mas, se volvemos a vista para o nosso interior, vemos maravilhas ainda maiores. Tecidos, membranas e músculos compõem os órgãos: o coração, os pulmões, o estômago e o resto. Cada órgão é formado por uma galáxia de partes semelhantes às concentrações de estrelas, e cada parte, cada célula, dedica a sua operação à função desse órgão particular: circulação do sangue, respiração do ar, sua absorção ou a de alimentos. Os diferentes órgãos mantêm-se em seu trabalho vinte e quatro horas por dia, sem pensamentos ou [p. 39] direção conscientes da nossa mente e (o mais espantoso!), mesmo que cada órgão esteja aparentemente ocupada na sua função, própria, na realidade trabalha constantemente pelo bem dos outros e de todo o corpo.

O suporte e a proteção de todo esse organismo a que chamamos corpo é o esqueleto. Dá-nos a rigidez necessária para estarmos erguidos, sentar-nos ou andar. Os ossos dão apoio aos músculos e tendões, tornando possível o movimento e a ação. Dão também proteção aos órgãos mais vulneráveis: o crânio protege o cérebro; as vértebras, a medula espinhal; as costelas, o coração e os pulmões. Além de tudo isso, as extremidades dos ossos longos contribuem para a produção dos glóbulos vermelhos do sangue.

Outra maravilha do nosso corpo é o processo de “manufaturação” em que está ocupado todo o tempo. Introduzimos alimentos e água na boca, e nos esquecemos: o corpo continua sozinho a tarefa. Por um processo que a biologia pode explicar, mas não reproduzir, o aparelho digestivo transforma o

pão, a carne e as bebidas num líquido de células vivas que banha e nutre constantemente cada parte do nosso corpo. Este alimento líquido, a que chamamos sangue, contém açúcares, gorduras, proteínas e outros elementos. Flui até os pulmões e recolhe oxigênio, que transporta junto com o alimento para cada canto do corpo. O sistema nervoso é também objeto de admiração. Na realidade, há dois sistemas nervosos: o motor, pelo qual o meu cérebro controla os movimentos do corpo (o meu cérebro ordena “anda”, e meus pés obedecem e se levantam ritmicamente), e o sensitivo, pelo qual sentimos dor (essa sentinela sempre alerta às doenças e lesões) e pelo qual trazemos o mundo exterior ao nosso cérebro através dos órgãos dos sentidos, a vista, o olfato, o ouvido, o gosto e o tato.

Por sua vez, estes órgãos são um novo prodígio de desenho e precisão. Novamente os cientistas –o anatomista, o biólogo, o oftalmologista- poderão dizer-nos como é que esses órgãos operam, mas nem o mais dotado deles poderá jamais construir um olho, fazer um ouvido ou reproduzir uma simples pupila do paladar.

A ladainha das maravilhas do nosso corpo poderia prolongar-se indefinidamente; aqui só mencionamos algumas de passagem. Se alguém pudesse fazer um passeio turístico pelo seu próprio corpo, o guia poderia indicar-lhe mais maravilhas que admirar do que as que há em todos os centros de atração turística do mundo juntos.

E o nosso corpo é apenas a metade do homem, e, de longe, a metade menos valiosa. Mas é um dom que temos de apreciar, um dom que devemos agradecer, a morada idônea para a alma espiritual, que é a que lhe dá vida, poder e sentido. [p. 40]

O homem tem corpo, mas é mais que um animal. Como os anjos, o homem tem um espírito imortal, mas é menos que um anjo. No homem se encontram o mundo da matéria e o do espírito. Alma e corpo se fundem numa substância completa que é o ente humano.

O corpo e a alma não se unem de modo circunstancial. O corpo não é como que um instrumento da alma, algo de parecido a um carro para o seu condutor. A alma e o corpo *foram feitos* um para o outro. Fundem-se, compenetraram-se tão intimamente que, ao menos nesta vida, uma parte não pode existir sem a outra.

Se soldarmos um pedaço de zinco a um pedaço de cobre, teremos um pedaço de metal. Esta união seria uma mera união “acidental”. Não teríamos uma substância nova. Saltaria à vista que era um pedaço de zinco pegado a outro de cobre. Mas se o cobre e o zinco se fundem e se misturam, surgirá uma nova substância a que chamamos bronze. O bronze já não é zinco nem cobre, é uma substância nova composta de ambos. De modo semelhante (nenhum exemplo é perfeito), o corpo e a alma se unem numa substância a que chamamos homem.

O caráter desta união torna-se evidente pela maneira como alma e corpo atuam um sobre o outro. Se corto um dedo, não é só o meu corpo que sofre: também a minha alma sofre. *Todo o meu eu* sente a dor. E se a minha alma é afligida por preocupações, isso repercute no meu corpo, e podem sobrevir úlceras e outros transtornos. Se o medo ou a ira sacodem a minha alma, o corpo reflete a emoção, empalidece ou se ruboriza, e o coração bate mais depressa; de muitas maneiras diferentes o corpo participa das emoções da alma.

Não se deve menosprezar o corpo humano como mero acessório da alma, mas, ao mesmo tempo, devemos reconhecer que a parte mais importante da pessoa completa é a alma. A alma

é a parte imortal, e é essa imortalidade da alma a que libertará o corpo da morte que lhe é própria.

Esta maravilhosa obra do poder e da sabedoria de Deus que é nosso corpo, no qual milhões de minúsculas células formam diversos órgãos, todos juntos trabalhando em harmonia prodigiosa para o bem de todo o corpo, podem dar-nos uma pálida idéia de como deve ser magnífica a obra do engenho divino que é a nossa alma. Sabemos que é um espírito. Ao falarmos da natureza de Deus, expusemos a natureza dos seres espirituais. Um espírito, víamos, é um ser inteligente e consciente, que não só é invisível (como o ar), como também absolutamente imaterial, quer dizer, não foi feito de matéria. Um espírito não tem moléculas, nem há átomos na alma. [p. 41]

Também não se pode medi-lo; um espírito não tem comprimento, largura ou profundidade. Muito menos peso. Por esta razão, toda a alma pode estar em todas e em cada uma das partes do corpo ao mesmo tempo; não está uma parte na cabeça, outra na mão, e outra no pé. Se perdemos um braço ou uma perna, num acidente ou numa operação cirúrgica, não perdemos uma parte da alma. Simplesmente, a nossa alma já não estará no que não é senão uma parte do meu corpo vivo. E, por fim, quando o nosso corpo estiver tão prostrado, pela doença ou pelas lesões, que não possa continuar a sua função, a alma o deixará e seremos declarados mortos. Mas a alma não morre. Sendo absolutamente imaterial (o que os filósofos chamam uma “substância simples”), não há nela nada que possa ser destruído ou danificado. Não constando de partes, não tem elementos básicos em que possa desagregar-se, não tem maneira de poder decompor-se ou de deixar de ser o que é.

Não sem fundamento dizemos que Deus nos fez à sua imagem e semelhança. Enquanto o nosso corpo, como todas as suas obras, reflete o poder e a sabedoria divinos, a nossa alma é um retrato de seu Autor de um modo especialíssimo. É um retrato em miniatura e bastante imperfeito. Mas esse espírito que nos dá vida e substância é imagem do Espírito infinitamente perfeito que é Deus. O poder da nossa inteligência, pelo qual conhecemos e compreendemos verdades, raciocinamos e deduzimos novas verdades e fazemos juízos sobre o bem e o mal, reflete o Deus que tudo sabe e tudo conhece. O poder da nossa livre vontade, pela qual deliberadamente decidimos fazer uma coisa ou não, é uma semelhança da liberdade infinita que Deus possui; e, evidentemente, a nossa imortalidade é uma centelha da imortalidade absoluta de Deus.

Como a vida íntima de Deus consiste em conhecer-se a Si mesmo (Deus Filho) e amarse a Si mesmo (Deus Espírito Santo), tanto mais nos aproximamos da divina Imagem quanto mais utilizamos a nossa inteligência em conhecer a Deus –agora pela razão e pela graça da Fé; e na eternidade pela “luz da glória”-, e aplicamos a nossa vontade livre em amar o Dador dessa liberdade.

COMO NOS FEZ DEUS?

Todos os homens descendem de um homem e de uma mulher. Adão e Eva foram os primeiros pais de toda a humanidade. Não há na Sagrada Escritura verdade mais claramente ensinada do que esta. O livro de Gênesis estabelece conclusivamente a nossa comum descendência desse único casal.
[p. 42]

O que acontece então com a teoria da evolução na sua formulação mais extrema: que a humanidade evoluiu de uma

forma de vida animal inferior, de algum tipo de macaco? Não é esta a ocasião para um exame detalhado da teoria da evolução, a teoria que estabelece que tudo o que existe –o mundo e o que nele se contém- evoluiu de uma massa informe de matéria primigênia. No que concerne ao mundo em si, o mundo dos minerais, das rochas e da matéria inerte, há uma sólida evidência científica de que sofreu um processo lento e gradual, que se estendeu durante um período de tempo muito longo.

Não há nada de contrário à Bíblia ou à fé nessa teoria. Se Deus preferiu formar o mundo criando inicialmente uma massa de átomos e estabelecendo ao mesmo tempo as leis naturais pelas quais, passo a passo, essa massa evoluiria até chegar ao universo como hoje o conhecemos, poderia muito bem tê-lo feito assim. Continuaría sendo o Criador de todas as coisas.

Por outro lado, um desenvolvimento gradual do seu plano, realizado por meio de causas segundas, refletiria melhor o seu poder criador do que se o universo que conhecemos tivesse sido feito em um instante. O fabricante que faz seus produtos ensinando supervisores e capatazes, mostra melhor seus talentos do que o patrão que tem que intervir pessoalmente em cada passo do processo.

A esta fase do processo criativo, ao desenvolvimento da matéria inerte, chama-se “evolução inorgânica”. Se aplicamos a mesma teoria à matéria viva, temos a chamada teoria da “evolução orgânica”. No entanto, o quadro aqui não é tão claro, nem de longe; a evidência se apresenta cheia de vazios, e a teoria necessita de mais provas científicas. Esta teoria defende que a vida que conhecemos hoje, incluída a do corpo humano, evoluiu por longas eras, partindo de certas formas simples de células vivas até as plantas e os peixes, e de aves e répteis até o homem.

A teoria da evolução orgânica está muito longe de ser provada cientificamente. Existem bons livros que poderão proporcionar ao leitor interessado um exame equilibrado de toda esta questão. Mas, para o nosso propósito, basta mencionar que a exaustiva investigação científica não pôde descobrir os restos da criatura que estaria a meio caminho entre o homem e o macaco. Os evolucionistas orgânicos baseiam muito a sua doutrina nas semelhanças entre o corpo dos símios e o do homem, mas um juízo realmente imparcial far-nos-á ver que as diferenças são tão grandes como as semelhanças.

E a procura do “elo perdido” continua. De vez em quando, descobrem-se uns ossos antigos em grutas e escavações. Por um momento, há uma grande excitação, mas depois vê-se que aqueles [p. 43] ossos eram ou claramente humanos ou claramente de macaco. Temos “o homem de Pequim”, “o homem-macaco de Java”, “o homem de Foxhall” e uma coleção mais. Mas essas outras criaturas, um pouquinho mais que os macacos e um pouquinho menos que o homem, ainda estão por desterrar.

Mas, afinal, o nosso interesse é relativo. No que diz respeito à fé, não tem nenhuma relevância. Deus pode ter moldado o corpo do homem por meio de um processo evolutivo, se assim o quis. Pode ter dirigido o desenvolvimento de uma espécie determinada de macaco até fazê-lo alcançar o ponto de perfeição desejado. Deus então criaria almas espirituais para um macho e uma fêmea dessa espécie, e teríamos o primeiro homem e a primeira mulher, Adão e Eva. Mas, mesmo assim, seria igualmente certo que Deus criou o homem do barro da terra. O que devemos crer e o que o Gênesis ensina sem especificações é que o gênero humano descende de um casal original, e que as almas de Adão e Eva (como cada uma das nossas) foram direta e imediatamente criadas por Deus. A alma é espírito; não pode “evoluir” da matéria, e

também não pode ser herdada de nossos pais. Marido e mulher cooperam com Deus na formação do corpo humano. Mas a alma espiritual que faz desse corpo um ser humano tem de ser criada diretamente por Deus e infundida no corpo embrionário.

A busca do “elo perdido” continuará, e cientistas católicos participarão nela. Sabem que, como toda a verdade vem de Deus, não pode haver conflito entre um dado religioso e outro científico. Entretanto, nós os demais católicos continuaremos imperturbáveis. Seja qual for a forma que Deus escolheu para fazer nosso corpo, o que mais importa é a alma. É a alma que levanta do chão os olhos do animal. É a alma que levanta os nossos olhos até às estrelas, para que vejamos a beleza, conheçamos a verdade e amemos o bem¹. [p. 44]

Algumas pessoas gostam de falar dos seus antepassados. E se na árvore genealógica aparece um nobre, um grande estadista ou um personagem de algum modo famoso, gostam de dar-se ares de importância.

Se quiséssemos, cada um de nós poderia gabar-se dos antepassados da sua árvore genealógica: Adão e Eva. Ao saírem das mãos de Deus, eram pessoas esplêndidas. Deus não os fez

¹ Na sua encíclica *Humani Generis*, o Papa Pio XII indica-nos a cautela necessária na investigação destas matérias científicas. “O Magistério da Igreja não proíbe que, nas investigações e disputas entre os homens mais competentes de ambos os campos, seja objeto de estudo a doutrina do *evolucionismo*, na medida em que busca a origem do corpo humano numa matéria viva preexistente, mas a fé católica manda defender que as almas são criadas imediatamente por Deus. Porém, tudo isso se deve fazer de maneira que as razões de uma e outra opinião –quer dizer, a que defende e a que é contrária ao evolucionismo- sejam examinadas e julgadas séria, moderada e temperadamente; e de tal modo que todos se mostrem dispostos a submeter-se ao juízo da Igreja, a quem Cristo conferiu a missão de interpretar autenticamente as Sagradas Escrituras e defender os dogmas da Fé”.

humanos comuns, submetidos às leis ordinárias da natureza, como as da inevitável decadência e da morte final, uma morte a que se seguiria uma simples felicidade natural, sem visão beatífica. Também não os fez sujeitos às normais limitações da natureza humana, como são a necessidade de adquirir conhecimentos por meio do estudo e investigação laboriosos, e a de manter o controle do espírito sobre a carne por uma esforçada vigilância.

Com os dons que Deus conferiu a Adão e Eva no primeiro instante de sua existência, nossos primeiros pais eram imensamente ricos. Primeiro, contavam com os dons que denominados “preternaturais” para distingui-los dos “sobrenaturais”. Os dons preternaturais são aqueles que não pertencem por direito à natureza humana, e, no entanto, não está inteiramente fora da capacidade da natureza humana recebê-los e possuí-los.

Para usar um exemplo caseiro relativo a uma ordem inferior da criação, digamos que, se a um cavalo fosse dado o poder de voar, essa habilidade seria um dom preternatural. Voar não é próprio da natureza do cavalo, mas há outras criaturas capazes de fazê-lo. a palavra “preternatural” significa, pois, “fora ou além do curso ordinário da natureza”.

Mas se a um cavalo se desse o poder de *pensar* e de compreender verdades abstratas, isso não seria preternatural; seria, de certo modo, sobrenatural. Pensar não só está para além da natureza do cavalo, mas absoluta e inteiramente *acima* da sua natureza. Este é exatamente o significado da palavra “sobrenatural”: algo que está totalmente sobre a natureza da criatura; não só de um cavalo ou de um homem, mas de *qualquer* criatura.

Talvez este exemplo nos ajude um pouco a entender os dois gêneros de dons que Deus concedeu a Adão e Eva. Primeiro,

tinham os dons preternaturais, entre os quais se incluíam uma sabedoria de ordem imensamente superior, um conhecimento natural de Deus e do mundo, claro e sem obstáculos, que de outro modo só poderiam adquirir com uma investigação e estudo penosos. Depois, contavam com uma elevada força de vontade e o perfeito controle das paixões e dos sentidos, que lhes proporcionavam perfeita tranqüilidade interior e ausência de conflitos pessoais. No plano espiritual, estes dois dons preternaturais eram os mais importantes de que estavam dotados [p. 45] a sua mente e a sua vontade. No plano físico, suas grandes dádivas foram a ausência de dor e de morte. Tal como Deus os havia criado, Adão e Eva teriam vivido na terra, o tempo previsto, livres da dor e do sofrimento que, de outro modo, seriam inevitáveis num corpo físico num mundo físico. Quando tivessem acabado seus anos de vida temporal, entrariam na vida eterna em corpo e alma, sem experimentar a terrível separação de alma e corpo a que chamamos morte.

Porém, maior que os preternaturais era o dom sobrenatural que Deus conferiu a Adão e Eva. Nada menos que a participação na própria natureza divina. De uma maneira maravilhosa, que não poderemos compreender inteiramente até O contemplarmos no céu, Deus permitiu que seu amor (que é o Espírito Santo) fluísse até às almas de Adão e Eva e as inundasse. É, evidentemente, um exemplo muito inadequado, mas agrada-me imaginar esse fluxo do amor de Deus até à alma como o do sangue numa transfusão. Assim como o paciente se une ao doador pelo fluxo do sangue deste, as almas de Adão e Eva estavam unidas a Deus pelo fluxo do seu amor.

A nova espécie de vida que Adão e Eva possuíam como resultado da sua união com Deus é a vida sobrenatural a que

chamamos “graça santificante”. Mais adiante trataremos dela extensamente, pois desempenha uma função de importância absoluta na nossa vida espiritual. Mas já nos é fácil deduzir que, se Deus se dignou fazer a nossa alma participar da sua própria vida nesta terra temporal, é porque quer também que ela participe eternamente da sua vida no céu.

Como conseqüência do dom da graça santificante, Adão e Eva já não estavam destinados a uma felicidade meramente natural, ou seja, a uma felicidade baseada no simples conhecimento natural de Deus, a quem continuariam sem ver. Com a graça santificante, Adão e Eva poderiam conhecer Deus tal como é, face a face, uma vez concluída a sua vida na terra. E, ao vê-lo face a face, amá-lo-iam com um êxtase de amor de tal intensidade que nunca o homem teria podido aspirar a ele por sua própria natureza.

E esta é a espécie de antepassados que você e eu tivemos. Foi assim que Deus fez Adão e Eva.

O QUE É O PECADO ORIGINAL?

Um bom pai não se satisfaz cumprindo apenas os deveres essenciais para com os filhos. Não lhe basta alimentá-los, vesti-los e dar-lhes o mínimo de educação que a lei prescreve. Um pai amoroso tratará, além disso, de lhes dar tudo o que possa contribuir para [p. 46] o seu bem-estar e formação; dar-lhes-á tudo o que as suas possibilidades lhe permitam.

Assim Deus. Não se contentou simplesmente com dar à sua criatura, o homem, os dons que lhe são próprios por natureza. Não lhe bastou dotá-lo de um corpo, por maravilhoso que seja pela sua estrutura; e uma alma, por prodigiosa que seja pela sua inteligência

e livre vontade. Deus foi muito mais longe, e deu a Adão e Eva os dons preternaturais que os livravam do sofrimento e da morte, e o dom sobrenatural da graça santificante. No plano original de Deus, se assim podemos chamá-lo, estes dons teriam passado de Adão para os seus descendentes, e você e eu poderíamos estar gozando deles hoje.

Para confirmá-los e assegurá-los à sua posteridade, uma só coisa exigiu Deus de Adão: que, por um ato de livre escolha, desse irrevogavelmente seu amor a Deus. Foi para este fim que Deus criou os homens: para que, com seu amor, lhe dessem glória. E, em certo sentido, este amor a Deus era a garantia de que alcançariam o seu destino sobrenatural de seu unirem a Deus face a face no céu.

É da natureza do amor autêntico a entrega completa de si mesmo ao amado. Nesta vida, só há um meio de provar o amor a Deus, que é fazer a sua vontade, obedecer-lhe. Por esta razão, Deus deu a Adão e Eva uma ordem, uma única ordem: que não fosse diferente (exceto em seus defeitos) de qualquer outro fruto que Adão e Eva pudessem colher. Mas tinha de haver um mandamento para que pudesse haver um ato de obediência; e tinha de haver um ato de obediência para que pudesse haver uma prova de amor: escolherem livre e deliberadamente Deus, preferindo-o a si próprios.

Sabemos o que se passou. Adão e Eva falharam na prova. Cometeram o primeiro pecado, quer dizer, o pecado original. E este pecado não foi simplesmente uma desobediência. Foi um pecado de soberba, como o dos anjos caídos. O tentador sussurrou-lhes ao ouvido que, se comessem desse fruto, seriam tão grandes como Deus, seriam deuses.

Sim, sabemos que Adão e Eva pecaram. Mas já nos é mais difícil convencer-mos da enormidade do seu pecado. Hoje

encaramos esse pecado como algo que, tendo em conta a ignorância e a fraqueza humanas, parece até certo ponto inevitável. O pecado é algo lamentável, sim, mas surpreendente. Tendemos a esquecer-nos de que, antes da queda, não havia ignorância ou fraqueza. Adão e Eva pecaram com total clareza de mente e absoluto domínio das paixões pela razão. Não havia circunstâncias eximenes. Não havia desculpa alguma. Adão e Eva escolheram-se a si mesmos –em lugar de Deus- de olhos bem abertos, poderíamos dizer. [p. 47]

E, ao pecar, derrubaram o templo da criação sobre as suas cabeças. Num instante perderam todos os dons especiais que Deus lhes havia concedido: a elevada sabedoria, o domínio perfeito de si mesmos, a imunidade à doença e à morte e, sobretudo, o laço de união íntima com Deus, que é a graça santificante. Ficaram reduzidos ao mínimo essencial que lhes pertencia pela sua natureza humana.

O trágico é que não foi um pecado só de Adão. Como todos nós estávamos potencialmente presentes em nosso pai comum, todos sofremos o pecado. Por decreto divino, ele era embaixador plenipotenciário de todo o gênero humano. O que Adão fez, todos o fizemos. Teve a oportunidade de colocar-nos a nós, sua família, num caminho fácil. Recusouse a fazê-lo, e todos sofremos as conseqüências. A nossa natureza humana perdeu a graça na sua própria *origem*, e por isso dizemos que nascemos “em estado de pecado original”.

Quando eu era criança e ouvi falar pela primeira vez da “mancha do pecado original”, minha mente infantil imaginava esse pecado como uma grande mancha negra na alma. Tinha visto muitas manchas em toalhas, peças de roupa e cadernos, manchas de café, amoras ou tinta, de modo que me era fácil imaginar uma

feia mancha negra numa bonita alma branca. Quando cresci, aprendi (como todos) que o espírito não pode manchar-se, compreendi que a palavra “mancha” aplicada ao pecado original é uma simples metáfora. Deixando de lado o fato de um espírito não poder manchar-se, compreendi que a nossa herança do pecado original não é algo que esteja “sobre” a alma ou “dentro” dela. Ao contrário, é a carência de algo que deveria estar ali, da vida sobrenatural a que chamamos graça santificante.

Por outras palavras, o pecado original não é uma coisa, é a falta de alguma coisa, como a escuridão é a falta de luz. Não podemos colocar um pedaço de escuridão num frasco, e levá-lo para casa para vê-lo bem debaixo da luz. A escuridão não tem consistência própria; é simplesmente ausência de luz. Quando o sol sai, desaparece a escuridão da noite.

De modo semelhante, quando dizemos que “nascemos em estado de pecado original”, queremos dizer que, ao nascer, nossa alma está espiritualmente às escuras, é uma alma inerte no que se refere à vida sobrenatural. Quando somos batizados, a luz do amor de Deus se derrama nela caudalosamente, e a nossa alma se torna radiante e formosa, vibrantemente viva com a vida sobrenatural que procede da nossa união com Deus e sua habitação em nossa alma, essa vida a que chamamos graça santificante. [p. 48]

Ainda que o Batismo nos devolva o maior dos dons que Deus deu a Adão, o dom sobrenatural da graça santificante, não restaura os dons preternaturais, como o de estarmos livres do sofrimento e da morte. Perderam-se para sempre nesta vida. Mas isso não nos deve inquietar. Devemos antes alegrar-nos considerando que Deus nos devolveu o dom que realmente importa, o grande dom da vida sobrenatural.

Se a sua justiça infinita não se equilibrasse com a sua misericórdia infinita, Deus poderia ter dito facilmente, depois do

pecado de Adão: “Lavo as mãos em relação ao gênero humano. Tivestes a vossa oportunidade. Agora, arranjai-vos como puderdes!”.

Uma vez, fizeram-me esta pergunta: “Por que tenho eu que sofrer pelo que fez Adão? Se eu não cometi o pecado original, por que tenho que ser castigado por ele?”

Basta um momento de reflexão, e a pergunta se responde por si mesma. Nenhum de nós perdeu algo a que tivesse direito. Esses dons sobrenaturais e preternaturais que Deus conferiu a Adão não são uns predicados que nos fosse devidos por natureza. Eram dons muito acima do que nos é próprio, eram dádivas de Deus que Adão podia ter-nos transmitido se tivesse feito o devido ato de amor, mas neles não há nada que possamos reclamar por direito.

Se, antes de eu nascer, um homem rico tivesse oferecido a meu pai um milhão de dólares em troca de um pequeno trabalho, e meu pai tivesse recusado a oferta, na verdade u não poderia culpar o milionário pela minha pobreza. A culpa seria de meu pai, não do milionário. Do mesmo modo, se vim a este mundo despossuído dos bens que Adão poderia ter ganho para mim tão facilmente, não posso culpar a Deus pela falta de Adão. Pelo contrário, tenho que bem-dizer a sua misericórdia infinita porque, apesar de tudo, restaurou em mim o maior de seus dons pelos méritos de seu Filho.

De Adão para cá, um só ser humano (sem contar Cristo) possuiu uma natureza humana em perfeita ordem: a Santíssima Virgem Maria. Quando foi escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus –e porque repugna que Deus tivesse contato, por indireto que fosse, com o pecado-, Maria foi preservada *desde o primeiro instante da sua existência* da escuridão espiritual do pecado original.

Desde o primeiro momento da sua concepção no seio de Ana, Maria esteve em união com Deus, sua alma encheu-se de amor por Ele: teve o estado de graça santificante. A este privilégio exclusivo de Maria, primeiro passo na nossa redenção, chamamos a Imaculada Conceição de Maria. [p. 49]

E DEPOIS DE ADÃO?

Certa vez, um homem passeava por uma pedreira abandonada. Distráido, aproximou-se demasiado da beira do poço que lá se formara e caiu de cabeça na água. Tentou sair, mas as paredes eram tão lisas e verticais que não podia encontrar um ponto onde apoiar a mão ou o pé. Era bom nadador, mas sem dúvida ter-se-ia afogado por cansaço se um transeunte não o tivesse visto em apuros e o tivesse resgatado com uma corda. Já fora, sentou-se para esvaziar os sapatos de água, enquanto filosofava um pouco: “É surpreendente como me era impossível sair dali, e o pouco que me custou entrar.”

A historieta ilustra bastante bem a infeliz condição da humanidade, depois de Adão. Sabemos que, quanto maior é a dignidade de uma pessoa, mais séria é a injúria que contra ela se comete. Se alguém atira um tomate podre no seu vizinho, certamente não sofrerá mais conseqüências que um olho roxo. Mas se o arremessa contra o Presidente dos Estados Unidos, os da F.B.I. o rodearão num instante e esse homem não irá jantar a casa por bastante tempo.

Fica claro, pois, que a gravidade de uma ofensa depende até certo ponto da dignidade do ofendido. Sendo ilimitada a dignidade de Deus –Ele é Ser infinitamente perfeito–, qualquer ofensa contra Ele terá malícia infinita, será um mal sem medida.

Por causa disto, o pecado de Adão deixou a humanidade numa situação semelhante à do homem no poço. Ali no fundo estávamos nós, sem possibilidade de sair por nossos próprios meios. Tudo o que o homem pode fazer tem um valor finito e mensurável. Se o maior dos santos desse a sua vida em reparação pelo pecado, o valor do seu sacrifício continuaria a ser limitado. Também é claro que, se todos os componentes do gênero humano, desde Adão até o último homem sobre a terra, oferecessem suas vidas em pagamento da dívida contraída com Deus pela humanidade, o pagamento seria insuficiente. Está fora do alcance do homem fazer algo de valor infinito.

Nosso destino após o pecado de Adão seria irremissível se ninguém tivesse vindo lançarnos uma corda; o próprio Deus teve que resolver o dilema. O dilema era que, como somente Deus é infinito, somente Ele era capaz do ato de reparação pela infinita malícia do pecado. Mas quem fosse pagar pelo pecado do homem deveria ser humano, se realmente tinha que arcar com os nossos pecados, se de verdade ia ser o nosso representante.

A solução que Deus escolheu já é para nós uma velha história, mas nunca será uma história trilhada ou mortífera. O homem de fé nunca acaba de admirar-se com o infinito amor e a infinita misericórdia [p. 50] que Deus nos mostrou, decretando desde toda a eternidade seu próprio Filho Divino viesse a este mundo, assumindo uma natureza humana como a nossa, para pagar o preço devido pelos nossos pecados.

O Redentor, sendo verdadeiro homem como nós, podia representar-nos e agir realmente por nós. Sendo também verdadeiro Deus, a mais insignificante de suas ações teria um valor infinito, suficiente para reparar todos os pecados cometidos ou que se cometerão.

Precisamente no início da história do homem, quando expulsou Adão e Eva do Jardim do Éden, Deus disse a Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela; ela te esmagará a cabeça, e tu em vão te revolverás contra o seu calcanhar”. Muitos séculos tiveram que transcorrer até que a descendência de Maria, Jesus Cristo, esmagasse a cabeça da serpente. Mas o raio de esperança da promessa, como uma luz distante nas trevas, brilharia constantemente.

Mas a história não terminou depois que Adão pecou e Cristo, o segundo Adão, reparou o seu pecado. A morte de Cristo na Cruz não implica que, a partir de então, o homem fosse necessariamente bom. A reparação de Cristo não arrebatou a liberdade da vontade humana. Se temos de poder provar o nosso amor a Deus pela obediência, temos de conservar a liberdade de escolha que essa obediência requer.

Além do pecado original, a cuja sombra nascemos, temos de enfrentar outro tipo de pecado: o que nós mesmos cometemos. Este pecado, que não herdamos de Adão, mas que é nossos, chama-se “atual”. O pecado atual pode ser mortal ou venial, segundo o seu grau de malícia.

Sabemos que há graus de gravidade na desobediência. Quando um filho desobedece a seus pais em pequenas coisas ou é indelicado com eles, não é necessariamente por falta de amor por eles. Seu amor pode ser menos perfeito, mas existe. Não obstante, se este filho lhes desobedece deliberadamente em assuntos de grave importância, em coisas que os fíram e aflijam gravemente, há, bons motivos para concluir que não os ama. Ou, pelo menos, tiramos a conclusão de que ama a si mesmo mais do que a eles.

O mesmo ocorre em nossas relações com Deus. Se desobedecemos a Deus em matérias de menor importância, isso

não implica necessariamente que lhe neguemos o nosso amor. Esse ato de desobediência em matéria que não é grave, é o pecado venial. Por exemplo, se dizemos uma mentira que não prejudica ninguém –“Onde você esteve ontem à noite?”. “Fui visitar um amigo”, quando na realidade fiquei em casa vendo televisão-, será um pecado venial. [p. 51]

Mesmos em matéria grave, meu pecado pode ser venial se tiver havido ignorância ou falta de consentimento pleno. Por exemplo, é pecado mortal mentir sob juramento. Mas se eu *penso* que o perjúrio é um pecado venial, e o cometo, para mim será pecado venial. Ou se juro falsamente porque o interrogador me colheu de surpresa e me sobressaltou (falta de reflexão suficiente), ou porque o medo às conseqüências diminuiu minha liberdade de opção (falta de consentimento pleno), também será pecado venial.

Em todos estes casos podemos ver que falta a malícia de um desprezo por Deus consciente e deliberado. Em nenhum desses exemplos se evidencia a ausência do amor a Deus.

Estes pecados chamam-se “veniais” do latim “vênia”, que significa “perdão”. Deus perdoa prontamente os pecados veniais, mesmo sem o sacramento da Penitência; um sincero ato de contrição e o propósito de emenda bastam para o seu perdão.

Mas isto não implica que o pecado venial seja de pouca importância. Qualquer pecado é, ao menos, uma falha parcial no amor, um ato de ingratidão para com Deus, que nos ama tanto. Em toda a criação não há maior mal que um pecado venial, à exceção do pecado mortal. O pecado venial não é, de maneira nenhuma, uma fraqueza inócua. Cada um deles acarreta um castigo aqui ou no purgatório. Cada pecado venial diminui um pouco o amor a Deus em nosso coração e debilita a nossa resistência às tentações.

Por numerosos que sejam os pecados veniais, a simples multiplicação dos mesmos, ainda que sejam muitos, nunca acaba somando um pecado mortal, porque o número não modifica a espécie do pecado, embora o acúmulo de matéria de muitos pecados veniais possa, sim, chegar a ser mortal. Em qualquer caso, dar habitualmente pouca atenção ao pecado venial abre a porta ao pecado mortal. Se vamos dizendo “sim” a pequenas infidelidades, acabaremos dizendo “sim” à tentação grande, quando esta se apresentar. Para quem ama sinceramente a Deus, seu propósito habitual há de ser evitar todo pecado deliberado, seja este venial ou mortal.

Também é conveniente sublinhar que, assim como um pecado objetivamente mortal pode ser subjetivamente venial, devido a especiais condições de ignorância ou à falta de plena consciência, um pecado que, à primeira vista, parece venial, pode tornar-se mortal em circunstâncias especiais.

Por exemplo, se penso que é pecado mortal roubar alguns cruzeiros, e apesar disso os roubo, para mim será um pecado mortal. Ou se essa pequena quantia, eu a tiro de um cego vendedor de jornais, correndo o risco de atrair má fama para mim ou para minha família, esta potencialidade de mal que tem o meu ato converte-o [p. 52] em pecado mortal. Ou se continuo roubando pequenas quantias até atingirem uma soma considerável, digamos cinco mil cruzeiros, meu pecado será mortal.

Porém, se o nosso desejo e a nossa intenção é obedecer em tudo a Deus, não temos motivo para nos preocuparmos com estas coisas. [p. 53]